

NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA: a literatura como ferramenta de conscientização crítica e combate à transfobia na educação básica

I SAY NOTHING OF YOU THAT I DO NOT SEE IN YOU: literature as a Tool for Critical Awareness and Combating Transphobia in Basic Education

NADA DIGO DE TI QUE NO VEA EN TI: la literatura como herramienta de concienciación crítica y combate a la transfobia en la educación básica

Klelma Pereira – UFRA – ORCID¹ 0009-0005-0727-6979
Evelyn Carvalho – UFRA – ORCID² 0009-0009-5569-3688
Dayana Souza Russo – UFRA – ORCID³ 0000-0002-9931-1655

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), escrita por Eliana Alves Cruz, sob a ótica da transfobia contida no livro, destacando as relações entre a sociedade, a protagonista e seu relacionamento. A justificativa está em construir um pensamento crítico referente à população transgênero para a educação básica, especificamente, do ensino médio. O referencial teórico principal baseia-se em Todorov (2020) e Jouve (2012) para a didatização da literatura como potencialização do pensamento crítico social e transfeminismo com Jesus (2012). A metodologia orienta-se em Deslandes, Gomes e Minayo (2009), como pesquisa social. As análises demonstraram que a luta da protagonista presente na obra é compreendida pelos contextos desafiadores que foram enfrentados por ser uma pessoa transgênero e escravizada, marginalizada pela sociedade da época, que definem e geram uma luta cultural persistente que contrasta com as estruturas de poder e liberdade, que são ferramentas sociais de controle no período escravista para pessoas fora do padrão estabelecido e por esses fatores gera opressão e reflete em brutalidades sistemáticas de um padrão inalcançável, que tem como princípio enquadrar pessoas a papéis destinados em seu nascimento, aprisionando-as à escravatura e destruindo a dignidade humana, afetando seus sonhos, amores e família, por isso, utilizar essa obra e narrativa para a educação pode ser uma das ferramentas sociais de transformação e reflexão dos indivíduos que estão em processo de desenvolvimento e de posicionamento crítico social.

Palavras-chave: Transfobia; Escravidão; Desigualdade social; Ensino de Português.

Abstract: The objective of this article is to analyze the novel *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), written by Eliana Alves Cruz, through the lens of the transphobia portrayed in the work, highlighting the relationships between society, the protagonist, and her romantic relationship. The justification lies in the construction of critical thinking regarding the transgender population within basic education, specifically at the high school level. The main theoretical framework is based on Todorov (2020) and Jouve

(2012), focusing on the didactic use of literature as a means to enhance critical social thinking, and on transfeminism through the perspective of Jesus (2012). The methodology follows Deslandes, Gomes, and Minayo (2009), grounded in social research. The analysis demonstrated that the struggle of the protagonist in the novel is shaped by the challenging contexts she faced as a transgender and enslaved person, marginalized by the society of her time. This condition defines and produces a persistent cultural struggle that contrasts with structures of power and freedom, which function as social control mechanisms during the slavery period for those who did not fit the established norms. As a result, it generates oppression and reflects the systematic brutalities of an unattainable social standard, whose purpose is to confine individuals to roles assigned at birth, imprisoning them alongside slavery and destroying their human dignity, affecting their dreams, loves, and families. Therefore, introducing this discussion into education may serve as a social tool for transformation and reflection among individuals in the process of developing critical social awareness.

Keywords: Transphobia; Slavery; Social inequality; Portuguese language teaching.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar la obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), escrita por Eliana Alves Cruz, desde la perspectiva de la transfobia presente en el libro, destacando las relaciones entre la sociedad, la protagonista y su relación amorosa. La justificación se basa en la construcción de un pensamiento crítico sobre la población transgénero en la educación básica, específicamente en la enseñanza media. El marco teórico principal se fundamenta en Todorov (2020) y Jouve (2012) para la didactización de la literatura como potencialización del pensamiento crítico social, y en el transfeminismo de Jesus (2012). La metodología se orienta según Deslandes, Gomes y Minayo (2009), como investigación social. Los análisis demostraron que la lucha de la protagonista presente en la obra se comprende a partir de los contextos desafiantes que enfrentó por ser una persona transgénero y esclavizada, marginada por la sociedad de la época, lo cual define y genera una lucha cultural persistente que contrasta con las estructuras de poder y libertad, las cuales funcionaban como herramientas sociales de control durante el periodo esclavista para las personas fuera del patrón establecido. Este factor genera opresión y se refleja en brutalidades sistemáticas de un modelo inalcanzable que tiene como principio encasillar a las personas en los roles asignados desde su nacimiento, aprisionándolas junto con la esclavitud y destruyendo la dignidad humana, afectando sus sueños, amores y familia. Por ello, llevar esta temática a la educación puede ser una de las herramientas sociales de transformación y reflexión de los individuos que se encuentran en proceso de desarrollo de un posicionamiento crítico social.

Palabras clave: Transfobia; Esclavitud; Desigualdad social; Enseñanza de Portugués.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), escrita por Eliana Alves Cruz, sob a ótica da transfobia contida no livro, destacando as relações entre

a sociedade, a protagonista e seu relacionamento, temáticas discutidas com viés educacional para usá-las como ferramenta de transformação social. Este romance foi selecionado pelo Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático (PNLD) — política pública executada pelo Ministério da Educação (MEC) — especificamente, no período literário do ano de 2021 para o Ensino Médio. Esta obra possui um olhar sobre a mulher negra escrava e transgênero, que apresenta as desigualdades e contextos sociais brasileiros. Portanto, a pergunta que norteia a pesquisa é: como usar a literatura afro-brasileira na sala de aula, com o intuito de construir um posicionamento crítico ligado à temática da transfobia na educação básica? A justificativa deste trabalho é apresentar uma contribuição para a luta contra a transfobia e para motivar reflexões na sala de aula para ampliar a visibilidade de pessoas transgênero e travestis negras que lutam pela emancipação da fala, do lugar, dos direitos e do respeito, abordando o direito dos corpos humanos, que devem ser vistos com dignidade, em sua transformação e resignação na busca pela liberdade de ser.

Não buscamos esgotar o tema, mas apresentar aos pesquisadores, professores e leitores, reflexões sobre como esse processo narrativo pode ser abordado na educação, e, nisso, compreender a literatura como ferramenta de transformação social na educação, nas aulas de português e contribuir para a conscientização de lutas por identidade de gênero.

A autora Eliana Alves Cruz, nascida em 1966, no Rio de Janeiro, formada em jornalismo, atua no Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos, sendo vice-presidente do Comitê de Mídia da Federação Internacional de Natação (FINA).

O aporte teórico da pesquisa é composto por Hooks (2021), para abordar gênero e Todorov (2020), com a discussão de como didatizar o ensino de português com o *corpus* literário. A metodologia faz uso da pesquisa social, descrita por Deslandes, Gomes e Minayo (2009) que ratificam que sejam identificados os eixos centrais da pesquisa, que neste caso, atêm-se aos estudos das ações dos personagens contidos na obra supracitada, no que se refere ao estudo das questões sociais, unindo as teorias que buscam compreender as complexidades do assunto.

As seções foram organizadas com os seguintes títulos: A literatura afro-brasileira para a construção de posicionamento crítico que visa apresentar um estudo decolonial de textos para a reflexão de minorias sociais, neste caso, as pessoas transgênero e travestis; A transfobia descrita na sociedade contida na obra, que possui trechos do livro que contextualizam a sociedade transfóbica da época e relaciona-se com a teoria anunciada; A relação contida entre Vitória e sua faca, que traz a reflexão do vínculo da faca com a personagem, sua busca por proteção e segurança que não possui em sua realidade; A relação amorosa de Vitória, seu relacionamento com Felipe, cheio de brigas e problemas gerados pela transfobia; por fim, as considerações finais que comentam de maneira sucinta às nossas impressões da obra com relação à educação.

A literatura afro-brasileira para a construção de posicionamento crítico

A literatura afro-brasileira transmite em sua escrita traços sociais que buscam representar as estruturas culturais e de poder, gerando em si, discussões e visibilidade, uma vez que, quando usados na sala de aula, podem ser uma ferramenta de emancipação e transformação social, visto que se busca discutir as essências descritas no enredo das obras e assim promover a construção de um posicionamento crítico, por meio da possibilidade de apresentar as identidades plurais presentes nas obras afro-brasileiras. Nesse âmbito, a contribuição de Bourdieu (1989) é válida quando conceitua que a produção cultural permite que o autor contribua de forma materializada, ao trazer a representação dos fatores sociais através da sua escrita e destacar métodos históricos e políticos, da relação social e cultural, sem limitar-se às possíveis formas estruturais e funcionais que abarcam o campo político, mas sim, ao transcrever as questões que apresentam os dominantes e dominados em que se enquadram papéis que a sociedade define em sua relação antagônica.

Segundo o teórico (op. cit.) mencionado, o autor torna-se instrumento de resistência ao representar as questões sociais que divergem e as relações de poder em sua realidade, que neste caso, descreve a resistência de públicos marginalizados como os escravos, negros e transgêneros, que possuem em sua vivência um silenciamento gerado pela coercitividade. Fanon (1961) discute em suas obras, os valores que foram destinados

ao negro na época do colonialismo, não se limitando somente a dominação física, mas sim, moldando as identidades das pessoas escravizadas e perpetuando uma hierarquia que gera desconfiguração dos seres culturais africanos. Esta assertiva apresenta a visão de que as vivências e lutas das populações foram silenciadas e modificadas devido à identidade gerada durante a escravidão, portanto, este processo de colonização do ser passou por uma reconstrução e destruição da sua identidade cultural para uma gerada por brancos.

Tais mazelas sociais, como as citadas acima, revelam a importância da construção do posicionamento crítico que pode ser fomentado na educação, e para isso, discute-se como desenvolver este processo, que busca promover a visão do ser enquanto produto social e enquanto sujeito de resistência e cidadão portador de direitos. Nisto, o filósofo, Todorov (2020) comenta que para trabalhar com o texto na sala de aula, a interpretação não deve partir somente da subjetividade do aluno, contudo, deve-se nortear o aluno ao objetivo da construção do conhecimento, deve-se instigar a ver os fatos narrados na história abordada na literatura, e esperar os resultados da análise da obra. Nesse sentido, o estudo de uma obra necessita da instigação vinda do professor para facilitar determinadas temáticas e orientar sobre como o texto pode possuir a finalidade de gerar questionamentos nas estruturas de poder, bem como oferecer uma representação multifacetada da condição humana, no que se refere a conceitos de valores e representação de seres plurais.

Todavia, quando o ensino se torna portador de reflexão que contextualiza a trajetória dos seres plurais, o conhecimento preestabelecido socialmente torna-se fruto de fatores democráticos, que pode partir da leitura de mundo do estudante e assim contribuir para a construção do pensamento crítico e visibilidade de problemáticas centrais identificadas na obra. Dotados dessa leitura crítica, podem questionar a sociedade, que deve ser estudada e mediada pelo professor, que se organiza para desenvolver as temáticas centrais do texto, utilizando as situações por meio da interpretação de um ou mais personagens, tornando-se possível apresentar as contextualizações. Em determinados casos, como discute Hooks (2013), a sala de aula pode ser transformada em um lugar que ensina a respeitar pessoas e enfrentar a realidade social, num processo pedagógico que pode ver a prática da educação para a liberdade como o fortalecimento e emancipação, a

fim de reconhecer um contexto democrático em que todos possam sentir-se responsáveis em contribuir para uma pedagogia que contribua para o posicionamento crítico.

Quando se relaciona a didática do professor para a composição de questões a serem debatidas, como sexualidade, gênero e raça, o educador torna-se produtor de novas visões que promovem eixos a serem descobertos, como mencionado por Mariano (2023), quando aborda sobre temáticas como a organização gerada pelo biológico que foi definido, rudemente, como “sexo de nascimento”, que determina o campo de atuação social e das desigualdades entre homens e mulheres, que pressupõem a possibilidade de conceitos como a raça e a classe social, enquanto categorias antagônicas de poder e de desigualdade. Portanto, ao transmitir posicionamentos para a crítica através da narrativa, observa-se que, enquanto dermos abertura para debates e convidamos os leitores a perceberem estas práticas desumanas, descritas no texto e ocorridas no período da obra, o professor deve destacar as experiências vividas e as emoções dos personagens, nas situações por eles vividas, a fim de contribuir na compreensão das complexidades sociais e históricas que se tornam ferramentas de resistência e reivindicação por equidade e direitos humanos.

Com base no estudo que contribui para a expansão do conhecimento dos leitores, o texto se torna um convite à reflexão sobre a cultura e os caminhos essenciais para a verdadeira emancipação e dignidade condicionada por fatores intrínsecos da comunidade que é representada, seja ela por sua raça, gênero e papéis que foram estipulados no nosso nascimento, por isso, como menciona Jouve (2012), a qualidade de um texto pode ser dada na mensagem transmitida na obra em si. Pois torna-se difícil conceituar aquilo que abrange um livro enquanto estudo literário, logo, é fundamental identificar o conteúdo de maneira indireta ou oblíqua, gerando informações, sendo elas estéticas, culturais e históricas, na medida em que juntas permitem devolver a construção de um conhecimento. Dessa forma, o pesquisador refere-se em sua conceituação, sobre a importância da obra em sua análise, a fim da visão interpretativa além da decodificação, que transpõem as novas possibilidades de validar um texto, seja por sua mensagem que pode gerar um significado instantâneo ao leitor, seja pelo tempo para conseguir compreender a estética da obra, a cultura associada a coletividade da população e o

período que está relacionada, que pode estar ligada a valores ocasionalmente, deturpados ou construídos e estes podem ser trabalhados de maneira contínua a partir da construção do posicionamento crítico gerado a partir da sua leitura.

A construção do conhecimento para a sala de aula, quando envolve os saberes ligados à sociedade, possibilitam levar representatividades e construções de personagens baseados em horizontes pouco explorados. Ademais, Bosi (2002) argumenta que a resistência no texto literário acontece quando este apresenta a heterogeneidade que é transcrita através de representações de forças que são exteriores ao sujeito (autor) e descritas de partes da realidade, de maneira que o leitor possa conhecer grupos sociais. Portanto, quando o autor se permite a desenvolver a história e conhecer em seu enredo as forças divergentes da sociedade e apresentá-las no texto, permite aos leitores refletirem e construir uma postura que imerge na construção de novas possibilidades.

Street (2014) discute como o ensino pode usar situações sociais distintas para gerar um modelo autônomo, ou seja, o autor comenta sobre a importância de utilizar a cultura, a história, a identidade e as relações de poder na sala de aula para gerar formas de o educando conseguir compreender a sociedade. Portanto, o texto literário pode ser uma das formas de conseguir alcançar as temáticas supracitadas, uma vez que para alcançar formas de propor reflexões em que se busque sentimentos ligados a empatia, dados governamentais podem não gerar significado a um público ainda não letrado de conhecimentos quantitativos, mas um personagem com o qual o aluno pode se identificar ou lembrar alguém próximo pode gerar uma forma de aproximação e assim, ressignificar o texto e o contexto ligado à sociedade.

A transfobia descrita na sociedade contida na obra

A transfobia é um preconceito, uma discriminação contra travestis, transexuais e transgêneros. É o que impede o reconhecimento da identidade trans como legítima, de forma construída por aqueles que promovem o medo e o ódio com relação às pessoas transgêneros utilizando discursos com fins sexistas — dentro da redoma cissexista, a noção socialmente atribuída à patologização e a anormalidade de pessoas trans parte do

princípio de que o gênero nada mais é do que um dado biológico, que não é visto como uma constituição social (Jesus, 2014). Essa prática, atualmente punida pela legislação brasileira, configura-se pela estigmatização das pessoas trans e, consequentemente, sua invisibilização é alimentada por diferentes tipos de violência. Nesse contexto, a estigmatização que envolve pessoas trans advém, também, de um contexto biomédico, que tentava patologizar os sujeitos através do termo transsexual, aquém da relação de identidade de gênero. Contudo, esse termo se caracteriza, atualmente, como uma expressão identitária que emergiu em resposta ao sistema binário, para a performance do gênero com o qual o indivíduo se identifica dentro do espectro social (Bento, 2008), envolvendo mudanças físicas como cirurgias. Já o termo transgênero surgiu como um desvinculador de relações patológicas acerca da comunidade trans, reafirmando que, independentemente de querer ou não passar por transformações corporais, a identidade transgênera está atribuída ao que não corresponde ao sexo designado no nascimento.

Essa vinculação sistemática que foi, um dia, sustentada pela medicina de forma a atribuir às pessoas transgênero uma condição patológica para provar/definir o que deveria ser o ser o sujeito transsexual, unida às relações de poder político concentradas nas mãos do cristianismo, contribuiu profundamente para a desumanização de pessoas trans. Assim, pensar na literatura como um espaço denunciativo do que entremeia a sociedade brasileira como historicamente marcada pela violência desde o período colonial, a obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) ilustra uma sociedade ainda escravocrata e regida pela idealização do cristianismo. Ao abordar a trajetória de Vitória enquanto mulher trans, negra e escravizada, a narrativa perpassa por múltiplas formas de opressão, que envolvem identidade cultural, identidade de gênero e a racialização dos corpos que perduram na atualidade.

Eliana Alves Cruz traz em seu romance histórico uma personagem vítima de um cotidiano agressivo, sempre cercada de questionamentos sobre sua feminilidade e a ilegitimidade do próprio corpo. Esse regimento estrutural revela o que Arendt (1999) chama de uma violência que se normaliza e acontece na cotidianidade sustentada pela ausência da reflexão ética que o sujeito reproduz. Com efeito, a transfobia apresentada no romance vem acompanhada do racismo de uma era de escravidão que pode ser associada

a Mbembe (2018), quando apresenta a determinação de morte social, que está atrelada ao fato de que determinados corpos, especialmente os de pessoas negras, estão marcados pelo preconceito e a condenação à exclusão, ao sofrimento e à desumanização. Vejamos o excerto de uma carta que traduz isso:

Vossa Excelência Reverendíssima,
Senhor Frei Alexandre Saldanha Sardinha,
Desde que tomei conhecimento do que anda a praticar o Arrenegado, o Sonâmbulo, o Tutú do futuro negociante, filho do Rico Antônio Gama, que não como e nem durmo. Digo minha Salve Rainha depois de jantar e tenho dado tão grandes gargalhadas, que já me dói a barriga por ver desmascarado o caráter de Felipe Gama. Mas que disse eu? Que nome proferi diante de respeitável e nobre autoridade? Felipe Gama... ao dizer este nome refiro-me a uma pessoa tida em alta conta nos círculos mais importantes de nossa sociedade. Um jovem sem honra e sem religião. Ao dizer Felipe Gama, digo do escândalo, do escracho, da vergonha da elite e o ridículo de redingote de veludo, o safado, o patife, o monstro... a figura da SODOMIA, da PEDERASTIA e do PECADO NEFANDO! Pratica suas sujidades com quem lhe der confiança, mas principalmente com um negro que se diz mulher e usa um pano atado à cintura à moda dos quimbandas, com as pontas atadas na frente, deixando uma indecente abertura no centro. Criaturas maléficas que dizem possuir poderes. Não tenha medo deles, senhor, sove-os! Fogo neles!
(Cruz, 2020, p. 35).

Um dos primeiros retratos de transfobia na obra é o conflito que desencadeia todos os outros: a carta que denuncia a relação entre Felipe — um homem cisgênero, branco e prometido em casamento a outra mulher — e Vitória. A carta foi endereçada ao Frei Alexandre Sardinha, na qual Felipe é acusado de sodomia e pederastia por se relacionar com ela. Ao trazer à tona esse episódio, Eliana Alves Cruz não apenas representa a violência contra pessoas trans em contextos históricos coloniais, como também convida à reflexão sobre suas permanências na contemporaneidade. Esse tipo de denúncia encontra respaldo no que Jesus (2014) define como cisnormatividade: a expectativa de que todas as pessoas se identifiquem com o gênero designado ao nascer, o que é visto como curso natural.

Essa concepção ignora o que Bento (2008) propõe ao considerar a transexualidade uma experiência identitária que entra em conflito com as normas de gênero e que, por muito tempo, confrontou os princípios antigos da medicina, que a classificaram como uma doença mental, o autor propõe uma leitura crítica da transexualidade, demonstrando

como essa experiência não pode ser compreendida fora do contexto histórico, político e discursivo que produz as normas de gênero e os corpos inteligíveis, a construção dos gêneros e da heterossexualidade se sustenta por repetições constantes, marcadas por uma violência simbólica persistente. Toda fala que reforça — ou reprime — certos comportamentos, assim como cada ofensa ou piada homofóbica, participa de um processo contínuo de coerção que impõe a norma heterossexual como única forma legítima de existência. Nesse sentido, pensar a transexualidade apenas como uma questão individual ou médica apaga a maneira como o gênero foi organizado como um sistema de poder fundado na diferença sexual. O discurso científico, ao localizar a “verdade” da identidade no corpo, naturaliza essa organização, classificando sujeitos como “normais” ou “anormais” de acordo com suas estruturas corporais. Essa perspectiva, em *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) é o que constrói o cuidado extra da personagem Vitória com a própria aparência, já que era socialmente vista como pode ser observado na citação abaixo, dentro dessa anormalidade dos corpos. Por isso, desenvolveu a necessidade, para a própria proteção, de estar constantemente apresentável nos espaços públicos.

Tantas foram as vezes que a chamaram de suja e imunda, que desenvolvera uma obsessão por apresentar-se impecável. Sendo considerada por muitos uma aberração, pensava que seria ainda mais rejeitada caso se apresentasse com o desleixo de certas damas que via nas ruas (Cruz, 2020, p. 38).

Contra esses tipos de experiência sobre o julgamento do outro é fundamental promover espaços de discussão aos padrões exigidos à comunidade feminina onde mesmo as mulheres cisgênero devem performar feminilidade para um aceite social, dessa forma, pensa-se na perspectiva de Gonzalez (2020), quando põe em pauta que ser uma mulher negra no Brasil é como ser um objeto de discriminação tripla em que os estigmas impostos pelo racismo e sexismo são elevados a um nível grande de opressão. A mulher negra e trans é alvo de violência psicológica e física na obra inteira e essa passagem, citada acima, remete ao questionamento da performatividade de Vitória.

A relação contida entre Vitória e sua faca

A obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) apresenta a figura de Vitória como um símbolo identitário violado ao longo de toda a narrativa com múltiplas formas de silenciamento social. A personagem, que ao longo da vida utiliza cinco nomes diferentes, veio por meio do tráfico escravo ao Brasil, onde ganha, inicialmente, um nome brasileiro e masculino após ter mudado para um nome feminino no Congo — sua terra natal. Além disso, ao longo da narrativa, são mostradas formas de violência relacionadas ao fato de ser uma mulher transgênero e negra, pautando a desigualdade racial e de gênero, relacionando-a sempre à imoralidade religiosa e inferioridade por ser escravizada.

No entanto, o principal objeto de análise desta seção pauta-se em um costume de finalidade autoprotetiva da personagem em resposta à sociedade violenta à qual é exposta. No romance, Vitória carrega consigo uma faca que se estende como uma necessidade dela, pela possível falta de segurança em sua vida, um direito que lhe foi negado desde o princípio, quando foi retirada de seu país de origem. Dessa forma, o embate está no sistema político que constitui a identidade feminina e a molda de acordo com normas sociais, atingindo os corpos dentro das categorias de sexo, ou seja, é uma construção cultural não limitante a determinar que o ser mulher está ligado a um fator unilateral biológico (Butler, 2018). A personagem constrói essa ideia de que gênero não é um dado biológico, mas um ato performativo. Seu corpo desafia a matriz binária e racial da sociedade escravocrata e patriarcal. Sua existência já é, por si, um ato de subversão política. É o que transmite o trecho da obra:

Quando olhava sua figura refletida, o que via era apenas uma mulher... E uma mulher bela. Não se importava com o que levava entre as pernas. Sentia-se fêmea e não admitia que lhe dissessem o contrário. A faca andava amarrada em sua coxa para arrancar com ela o respeito que não lhe davam por bem (Cruz, 2020, p. 40).

Essa definição, interligada ao padrão que define o conceito de gênero, infere diretamente em perspectivas que são reducionistas quando trata-se da inserção social. Arendt (1999) alerta que atos de crueldade podem ser cometidos por pessoas comuns que, em nome de ideologias e normas aceitas, deixam de pensar criticamente e tornam-se

executores da opressão. O modo como Felipe internaliza a culpa e projeta em Vitória sua angústia moral é reflexo dessa banalização — sua repulsa é socialmente aprendida, e sua violência, justificada por um sistema, essa realização factual que rejeita o que é dissidente caracteriza o que não é entendido, é irreflexivo ao sujeito que exerce a normatividade, normalizando a exclusão e o silenciamento. Essas atitudes que configuram a violência em seu mais amplo espectro constrói um senso de autopreservação em corpos estigmatizados que quebram o padrão social, como Vitória que, movida pelo medo de um direito negado, impõe a si mesma, a assertividade sobre sua pessoa em sua rotina diária, conforme é mostrado em algumas passagens do livro. Como, por exemplo, em momentos em que a personagem precisa reafirmar seu próprio nome e, conseqüentemente, o gênero: “— Escute bem, inhozim Filipi. Sou Vitória e qualquer que me chame por outro nome sangra na ponta da minha faca [...]” (Cruz, 2020, p. 26). A reação da personagem, em defesa própria, é sacar a faca em uma briga que tem com Felipe, na qual acontecem agressões físicas mútuas.

Dessa forma, pensar na banalização de atitudes que desumanizam os corpos dissidentes, gerada pela ausência do conhecer ou do querer conhecer, acarreta medo e ódio iminentes que geram na vítima um medo ainda maior. No caso de Vitória, o medo vem em dose dupla, quando acompanhado do racismo em uma época tão próxima da escravidão. Por isso, em uma das passagens, é notório que a faca se torna sua aliada quando é confortada por seu antigo senhor:

Sacou da faca que levava amarrada nas coxas, por baixo da longa saia, e passava-lhe suave a pequena lâmina pelo rosto de barba espessa e grisalha. Foi descendo pelo pescoço e parou por meio segundo em sua jugular. [...]
— Meu sinhô não precisa mais de u’a pessoa como eu. Entendo... Culpa não lhe cabe [...] O que lhe tem cabimento é fazê companhia pro sinhô seu vizinho no Cafofo e pra nunca mais sair de lá, seu nojento! (Cruz, 2020, p. 43-44).

Assim, conforme observado acima, o comportamento da personagem assume uma postura de autodefesa e agressividade movida pelo medo, a ausência do direito de ser move as atitudes de Vitória, que ainda carrega ecos de sua condição como escravizada e identificada como um homem por seu antigo senhor. Nesta perspectiva, Fanon (2008) dialoga sobre os efeitos psicológicos do racismo e da desumanização do sujeito

colonizado, apontando para a interiorização do medo, do controle e da vigilância constante — como Vitória, que, além de carregar a faca, preza pela performatividade mais do que qualquer mulher graças aos julgamentos da sociedade que a entorna. Para Davis (2016), existe uma ideologia ligada aos gêneros que estabeleciam regras ligadas à sociedade que a tratavam compulsoriamente com regras desde o nascimento tendo visto que a realidade quando diferente, os punia.

Ao pensar nisso em relação à literatura contemporânea, Cuti (2010) destaca a presença dos símbolos de resistência na produção literária afro-brasileira, recorrendo a eles como forma de denunciar a opressão existente e também afirmar a luta do povo negro. Essa leitura contribui para compreender como a literatura pode evidenciar estratégias de sobrevivência e resistência dos sujeitos historicamente marginalizados. Em sala de aula, discutir o símbolo da faca em *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) permite desconstruir a ideia de que a violência seja uma essência do sujeito negro ou trans, recolocando-a como reação a um contexto violento, opressor e excludente.

A relação amorosa de Vitória

Moldado pelos olhares e comentários maldosos da época, o romance entre Felipe e Vitória é conturbado e marcado por uma relação de poder em que um tem vantagens emocionais sobre o outro. São passagens com brigas verbais e físicas, traição e desconfiança. Felipe, como o primeiro afetado pela carta enviada ao Frei, é consumido pela culpa religiosa e pela influência da igreja católica que mantinha na palma da mão a ideologia dominante. A pressão moral o leva à autonegação, ao tormento e ao desejo de “purificação” diante daquilo que vive com Vitória.

Essa percepção de “pecado” não vem só de um conflito interior, mas de uma realidade que naturaliza a violência contra sujeitos dissidentes. Dessa forma, segundo Butler (2021), as normas que regulam o gênero socialmente não apenas produzem corpos utilizando essa centralização de poder, como também podem determinar quais desses corpos devem ser passíveis de violência, tornando a perpetuação de estigmas estáveis para que sejam comuns à sociedade. Assim, a violência que se instaura dentro de quem a

produz é motivada pela opressão regida por essas normas, sejam elas políticas ou religiosas — as duas, no caso do romance de Eliana.

Quase já não dormia, atormentado pelo pecado profundo e mortal em que julgava estar atolado até o último fio da cabeça. Olhava-se no espelho sem saber quem era, o que era... Precisava limpar-se. Era só no que pensava, em limpar-se da sujeira que não ele, mas todos acreditavam ser tudo aquilo que vivia com Vitória (Cruz, 2020, p. 23).

Essa dinâmica descrita no trecho acima confirma o que Hooks (2021) afirma ao discutir que o amor não pode ser constituído num relacionamento, de qualquer que seja a natureza, quando é acompanhado da obsessão pela dominação e relação de poder; não há alguém que deva ser submisso, inferior, assim como não há alguém que comande. Ela reflete que, em uma relação com ambiguidade desse tipo, que exerça a desigualdade sobre o ser, o amor não é justo ou ético, porque a base afetiva do relacionamento é contaminada pelo desejo de controle e negação do outro. Dessa forma, o amor de Felipe se configura como um conflito entre desejo e a repulsa, com a culpa e o domínio disputando o espaço na relação com Vitória. Isso é demonstrado no momento em que ele cogita a eliminação da protagonista, revelando o ápice de um sentimento negativo advindo do medo social, caracterizando uma espécie de ódio.

— Vitória, o que estás a tramar? O que pretendes? Que ligações tens com meu pai? Estás a me chantagear? Queres me matar, condenar à força, levar-me à ruína a mim e aos meus? (Cruz, 2020, p. 81).

Neste trecho, observa-se a materialização do conflito interno de Felipe, projetado sobre Vitória em forma de paranoia, acusação e medo. O interrogatório revela não apenas o abalo emocional do personagem, mas sua tentativa desesperada de reafirmar a ordem que lhe foi ensinada como verdadeira — a mesma ordem que condena Vitória ao limite da existência social. Vitória é vista como uma ameaça à estrutura familiar, à honra e à integração de Felipe ao mundo normativo. O medo de Felipe é menos sobre a ruína pessoal e mais sobre a ruína do modelo que lhe deu identidade,

A partir dessa perspectiva, Butler (2018), quando discute o poder como elemento constitutivo do sujeito, aponta que as normas de gênero e sexualidade não apenas regulam a vida, mas também delimitam quais vidas são reconhecidas como inteligíveis, ou seja, como humanas, e como essas normas podem ser subvertidas, e é nesse desvio que emergem identidades como a de Vitória, que desafiam os fundamentos da cisheteronormatividade. Quando um corpo não corresponde à norma, ele é colocado no limite da existência social. Nesse sentido, Bento (2008) destaca que a heterossexualidade, o padrão, não é uma orientação espontânea natural, mas um regime de poder causado pela repetição constante de códigos de gênero, porque essa ideia de que dois corpos biologicamente distintos com papéis complementares é historicamente construída e ganhou força a partir do século XVIII.

Chegou a pensar em contratar algum miliciano e eliminá-la. Fosse outro, já o teria feito, mas faltava-lhe coragem. Não se perdoava por sua covardia. Não se perdoava por tê-la assim, tão profundamente enraizada dentro de si (Cruz, 2020, p. 34).

No trecho, fica claro que o corpo de Vitória não é reconhecido como algo inteligível na ordem que estrutura o mundo em que vivem, relacionando-a diretamente à perspectiva de Butler (2021) que discute o reconhecimento enquanto ser humano, evidenciando-se a necessidade de que a forma do corpo esteja de acordo com a inteligibilidade cultural, ou seja, quando isso não é cumprido, esse corpo entra em risco de se tornar abjeto. Essa categorização induz a discussão sobre a utilização de termos de gênero politicamente construídos, Bento (2008) defende que as categorias de “homem” e “mulher” são construções políticas, e que, no interior das normas de gênero centradas na heterossexualidade compulsória, lésbicas e mulheres transexuais são colocadas à margem, como “seres incompletos”. A cisheteronormatividade, nesse processo, define quem pode ser reconhecido como sujeito legítimo e, ao fazer isso, patologiza e apaga as identidades. Por fim, o comportamento de Felipe também pode ser visto conforme define Fanon (2008), quando reflete sobre o desejo pelo outro racializado e se mistura ao medo, à repulsa e à vergonha. É discutido que, nas sociedades coloniais, o sujeito branco vive

num impasse afetivo desejando aquilo que foi ensinado a odiar. Assim, o corpo negro se torna um espaço de projeção de culpa e conflito, sendo simultaneamente objeto de desejo e de negação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra analisada, *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) da escritora Eliana Alves Cruz, é considerada nos dias atuais uma das referências em textos literários afro-brasileiros. Ela desenvolve um papel de representatividade que denuncia a sociedade transfóbica, do período colonial, especificamente dos séculos XVIII e XIX, que permite uma contextualização histórica, do período do Ciclo de Ouro de Minas Gerais, a partir da sua leitura, entretanto, buscamos uma perspectiva humanizada da personagem Vitória e seu romance com Felipe, um dos filhos dos seus senhores. Quando se analisa o manuscrito, na perspectiva de Bento (2008) e Jesus (2014), percebe-se, principalmente, a transfobia, uma violência verbal, física ou simbólica que ocorre com pessoas que não se identificam com o gênero com o qual nasceram. Dessa forma, apresentamos a relação da protagonista com a sociedade, seus sentimentos e inseguranças que evidenciam como a sociedade não reconhece que as pessoas que as compõem são seres plurais e multiculturais.

Portanto, Jouve (2012) e Todorov (2020) apresentam o texto literário como um texto que pode abordar pautas sociais que necessitam ser apresentadas e discutidas em sala de aula com o intuito de promover uma conscientização, a partir do seu uso como uma representação da sociedade e da história. A discussão do enredo do livro no artigo expõe falas que demarcam uma sociedade opressora que traz consigo o instinto de sobrevivência e resistência contidos em Vitória, por isso, trabalhar a obra com a perspectiva do ensino como ferramenta de transformação social, torna-se relevante, uma vez que as reflexões em torno do reconhecimento dessa luta contra a transfobia podem contribuir com rupturas de preconceitos.

Busca-se, através deste artigo, promover uma reflexão para a educação com ênfase na personagem Vitória, uma pessoa escravizada e transgênero que carrega consigo

complexas questões sociais. Por isso, na perspectiva de Fanon (2018) e Bourdieu (1989) observam-se as relações de poder expressas nos muros construídos na sociedade através de poderes simbólicos. A personagem discutida neste trabalho revela aspectos que se relacionam ao medo, desenvolvidos pela necessidade de carregar uma faca e discutir o seu vínculo amoroso conturbado, ambos os objetivos possuem um denominador comum, o liame da transfobia. Assim, a personagem afro-brasileira, descrita, contrasta com a realidade social pelo medo e pela dor, sentimentos estes que refletem as experiências humanas vividas por conta desta problemática social que pode gerar posicionamento crítico, além de buscar a compreensão da protagonista e inspirar discussões contemporâneas, sobre tais abordagens além da transfobia, desigualdade de corpos e a busca por liberdade.

Nos escritos de Davis (2016), o reflexo da época em que a igreja tinha o controle ideológico transmitido através da religião, ocasionalmente interfere e gera a imposição de gênero. Como discutido, a obra descreve seu romance como sodomia, o que revela o sentido de ser considerado um pecado e que Vitória não era respeitada como uma mulher cisgênero, além de ter sido escravizada, também buscavam retirar dela a sua identidade de gênero. E esta discussão foi promovida através desses fatos, que são espelhos da homossexualidade compulsória que se limita a destinar os corpos, principalmente neste caso, de ser de uma escrava que se apaixona por alguém de família burguesa.

Desse modo, a obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), pode expor a complexidade gerada através da condição social de seus personagens, especialmente em Vitória, que possui valores impostos, seja pela economia ou por seu gênero, conforme retrata a obra por via de temas voltados a opressão imposta pela sociedade colonial. A prosa afro-brasileira escrita por Eliana Alves Cruz relaciona personagens e desafia o leitor a compreender a narrativa, sendo relevante para discussão na educação básica por abranger a reflexão sobre a dignidade das mulheres transgênero, podendo ser usada para a conscientização através das injustiças sociais que nos fazem questionar as estruturas de poder, que neste caso, é conceituada como transfobia.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Sérgio Lamarão e André Fischer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- CRUZ, Eliana Alves. **Nada digo de ti, que em ti não veja**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell; BREDA, TADEU. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Editora Elefante, 2021.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo**: teorias e práticas. - 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.
- JOUE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Traduzido por Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- MARIANO, Caroline da Silva Mariano. “Por ser mulher de cor”: relações de gênero e de raça na cidade de São Paulo (década de 1860). In: **Escravidão e liberdade**: estudos sobre gênero & corpo, memória & trabalho. SILVA, Lúcia Helena Oliveira. RODRIGUES, Jaime. SOUZA, Airton Felix Silva. (Org) São Paulo: FFLCH, 2023.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

STREET, Brian. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.

Histórico Editorial

Recebido em: 10 de novembro de 2025

Aprovado em: 21 de agosto de 2026

Publicado em: 04 de setembro de 2026

SOBRE AS AUTORAS

¹ **Klelma Costa Pereira.** Graduada em Letras Português (UFRA).

Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação, Metodologia.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2062583076554294>

E-mail: klelmacosta.kc@gmail.com

ORCID: 0009-0005-0727-6979

² **Evelyn Vitória da Silva Carvalho.** Graduada em Letras Português (UFRA).

Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação, Metodologia.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9810368541705030>

E-mail: ytriacarvalho@gmail.com

ORCID: 0009-0009-5569-3688

³ **Dayana Viviany Silva de Souza Russo.** Doutora em Educação (UFPA); Docente na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Líder do Grupo de Pesquisa Motirô e Pesquisadora no Geperuaz (UFPA) e Gedam (UFRA).

Contribuição de autoria: análise formal, edição, supervisão.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5624228795649986>

E-mail: dayana.souza@ufra.edu.br

ORCID: 0000-0002-9931-1655